

Memória Cultural e Livros de Cavalarias Quinhentistas – aproximação a uma possível abordagem metodológica*

Cultural Memory and Books of Chivalry – a Possible Methodological Approach

PEDRO MONTEIRO

Universidade do Porto – SMELPS/IF/FCT

pedromont.94@gmail.com

Palavras-chave

estudos de memória cultural; literatura e memória cultural; mimese da memória; livros de cavalarias intertextualidade.

Keywords

cultural memory studies; literature and cultural memory; mimesis of memory; romances of chivalry; intertextuality.

Partindo de uma apresentação geral dos conceitos mais importantes do campo dos estudos da memória cultural, queremos com este artigo aproximar e testar essas ferramentas teóricas, no que diz respeito ao desenvolvimento dos estudos em torno dos livros de cavalarias do quinhentismo ibérico. Assim, abordaremos sobretudo aspetos ligados às teorias que entendem a literatura como meio e como produtora de memória cultural, aplicando-as como modelo a uma análise da obra *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, publicada em 1567, uma segunda edição de uma obra hoje desaparecida e publicada em 1554, os *Triunfos de Sagrador*. Trabalhando sobretudo conceitos como o de memória cultural, memória da literatura e memória na literatura, queremos propor uma abordagem metodológica diferente para as narrativas cavaleirescas, potenciando novas leituras.

Starting with a general presentation of the most important concepts in cultural memory studies, this article has as an aim to test some of these theoretical tools in the analysis of Iberian chivalry books from the sixteenth century. To this purpose, we will primarily focus on theories that consider literature as a medium and a producer of cultural memory; afterwards, we will apply those very theories and concepts to the analysis of Jorge Ferreira de Vasconcelos' 1567 *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*. Based mainly on concepts such as cultural memory, memory of literature and memory in literature, the present study proposes a new kind of methodological approach to chivalric narratives, fostering new readings and interpretations.

* O presente artigo foi desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento Memória, espaço e linhagem: a receção de matérias medievais pelos livros de cavalarias quinhentistas portugueses, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/130605/2017), bem como do projeto de investigação MELE – Da memória escrita à leitura do espaço: Pedro de Barcelos e a identidade cultural do norte de Portugal, financiado pela mesma instituição (POCI-01-0145-FEDER-032673).

Num volume comemorativo que celebra os 500 anos do início da primeira viagem de circum-navegação terrestre, encabeçada pelos navegadores Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano, o que queremos, em primeiro lugar, será prestar uma homenagem a essas duas figuras e à importância das descobertas científicas potenciadas por esta viagem, recuperando, para isso, a memória dos dois navegadores. Ora, esperando fazer tal devida homenagem a Elcano e Magalhães e ao seu preponderante feito, desenvolveremos precisamente neste artigo o conceito de memória, propondo a sua aplicação ao estudo de narrativas tão importantes no século de Magalhães e Elcano: os livros de cavalarias. Deste modo, começaremos por um aparato teórico, no qual apresentaremos alguns dos conceitos mais importantes relativos aos estudos da memória cultural, para depois os testar, num caso específico, numa segunda parte do artigo.

1. Introdução: conceitos dos Estudos de Memória

A fixação da memória enquanto forma de legitimação de um determinado momento histórico-social parece ser uma preocupação permanente e transversal a todas as civilizações humanas, quer pensemos em sociedades que o fazem a partir da escrita ou através de narrativas orais. Atentando no período medieval ibérico, pode notar-se que, de forma simplista, se, por um lado, o surgimento de nobiliários, ao longo dos séculos XIII e XIV, demonstra as tentativas do grupo aristocrático em retomar e legitimar um passado quase mítico associado à fundação do reino, por outro lado, os vários projetos historiográficos, em língua vernácula, procuraram esclarecer elementos históricos, através de narrativas que estabelecessem uma visão “oficial” sobre o passado¹. Em ambos os casos, entende-se a necessidade da fixação de memória, considerando os problemas do presente² – crispações entre aristocracia e monarquia, sucessões irregulares –, revitalizando um passado que, ao ter em conta as preocupações do presente e sendo mediado por um discurso, não é mais do que uma construção, como se pode comprovar na seguinte citação: “Individual and collective memories are never a mirror image of the past, but rather an expressive indication of the needs and interests of the person or group doing the remembering in the present” (Erl, 2011: 8).

Estes processos de organização e elaboração de uma memória que joga entre a seletividade e o esquecimento, permitindo que um grupo se relacione com um passado comum remoto, entram no âmbito do conceito de *memória cultural*, tal como foi definido por Jan Assmann (2010). Verdadeiramente iniciados nos princípios do século XX com Maurice Halbwachs, os trabalhos teóricos em torno dos estudos de memória conheceram um importante crescimento e aprofundamento nos últimos trinta anos, muito graças ao casal Jan e Aleida Assmann e às diversas ferramentas conceptuais que desenvolveram. Num intento de repensar o conceito de *memória coletiva*, proposto por Halbwachs (1992), Assmann coloca o enfoque na preservação e transmissão da memória de geração em geração (Assmann, 2010: 125-126), através de diversos

¹ Esta ideia torna-se importante se analisarmos, por exemplo, o contexto de redação das obras historiográficas de Pedro López de Ayala e Fernão Lopes. Estes dois cronistas deixaram obras historiográficas magistrais que se tocam em diversos momentos, uma vez que narram os mesmos acontecimentos, mas sobre perspetivas diferentes, entrando as narrativas em conflito, ainda que o objetivo de ambas seja fixar a memória “verídica” dos acontecimentos.

² Repare-se nas palavras de Aleida Assmann quando apresenta a função legitimadora da memória funcional: “Esta memória legitimadora da dominação tem, para além do seu lado retrospectivo, também um lado prospetivo. Os dominadores não usurpam apenas o passado, mas também o futuro, querem ser recordados...” (Assmann, 2016b: 136).

símbolos, artefactos ou tradições, aos quais os indivíduos de um grupo concedem significado mnemónico identitário (Assmann, 2010: 111). É a partir desta premissa que o conceito de *memória cultural* prevê também uma contínua reconfiguração das relações do indivíduo e do coletivo com o passado: ora, sendo a memória uma forma de ligar passado e presente (e futuro), construída de acordo com as necessidades desse mesmo presente, esse vínculo entre um grupo e um determinado símbolo pode alterar-se ou até mesmo perder-se³.

O que aqui preferencialmente nos interessa é perceber como foram estas abordagens transportadas para os estudos literários e de que forma têm vindo a ser trabalhadas e aprofundadas nesse contexto. Esta transferência de conceitos dos estudos de memória cultural para os estudos literários tornou-se viável devido à proximidade entre os processos de construção de memória e aqueles próprios da narração literária, uma vez que, tal como a memória, também a literatura é incapaz de fornecer uma “visão fotográfica” de acontecimentos passados, parecendo, ao invés, “(re)construir ativamente versões do passado e do seu sentido” (Nünning, 2016: 225). Astrid Erll (2011: 145-149) sintetizou já três conceitos que atestam as proximidades entre memória e literatura enquanto meio de memória cultural: *condensation*, *narration* e *genre*. Atente-se, neste seguimento, nesta passagem de Ansgar Nünning:

[...] as capacidades individuais de memória estão sujeitas não só a um processo de (re)construção retrospectiva, como também à estruturação e suavização narrativas, assim como a uma pré-formatação a partir de esquemas narrativos e de conceitos construtores de coerência. Memórias e narração estão, portanto, muito estreitamente ligadas: o que recordamos e o que tendemos a esquecer depende, até certo ponto, de enquadramentos, de esquemas narrativos e de enredos convencionalizados. (Nünning, 2016: 229-230)

Desta forma, graças às suas técnicas específicas, das quais devemos aqui salientar os privilégios e limites da construção ficcional (Erll, 2011: 149-150), a literatura não se revela uma janela realista aberta para o passado, imitando versões dele existentes. Pelo contrário, a literatura cria os seus próprios mundos de ficção, nos quais se representam e recriam os processos de memória. Daqui se compreende que os académicos que se debruçam sobre o estudo da literatura, enquanto meio de memória cultural, se alicercem na teoria do círculo da mimésis, proposta por Paul Ricoeur (*cf.* Erll; Nünning, 2016: 257; Neumann, 2016: 269; Erll, 2011: 152-157). Esta teoria baseia-se na ideia de que qualquer criação narrativa ficcional se reparte em três estádios de mimésis que se relacionam de forma circular: a *mimese I* corresponde a um implícito “pré-conhecimento” do mundo que será transportado e transformado num segundo momento:

Qualquer que possa ser a força de inovação da composição poética no campo de nossa experiência temporal, a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do

³ Antes das teorias de Jan Assmann, Pierre Nora havia já cunhado a ideia de *lugares de memória*, problematizando a questão da reconfiguração da memória associada a esse conceito: “Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para (...) prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, (...) os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (Nora, 1993: 22).

mundo e da ação: de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal. (Ricoeur, 1994: 87)

Já a *mimese II* é o verdadeiro momento de mediação textual, que corresponde à configuração narrativa e organização lógico-temporal dos elementos vindos da *mimese I* (Ricoeur, 1994: 101-110). Por *mimese III*, este teórico refere-se à interseção entre texto e leitor/recetor, sendo o ato de leitura o ponto culminante da passagem da *mimese II* para a *mimese III* (Ricoeur, 1994: 117-118). O círculo de mimésis fecha-se a partir do momento em que, através da leitura, a percepção de elementos vindos da *mimese I* pode ser alterada. Estabelecendo um paralelo, percebe-se como também a memória pressupõe uma junção de elementos diversos (*condensation*), transmitidos através de uma narrativa (*narration*), apresentada de acordo com determinadas convenções (*genre*), não esquecendo a forma como a memória (cultural) prevê uma recepção ativa que reequacione a posição do sujeito que lembra com o objeto lembrado.

Astrid Erll e Ansgar Nünning definiram três conceitos-chave de memória aplicados aos estudos literários, que serão a base da nossa abordagem: *memória da literatura*; *memória na literatura*; e *literatura enquanto meio de memória coletiva* (Erll; Nünning, 2016: 247).

O primeiro dos três conceitos diz respeito a uma conceção intra-literária da memória, que se manifesta nas relações de intertextualidade e *topoi*, evidenciada também através do estudo dos géneros literários enquanto repositórios de memória cultural, bem como da própria história da literatura e do conceito de cânone (Erll; Nünning, 2016: 248). Segundo estes autores, sendo os géneros convenções assentes em expectativas, resultam de processos de repetição e atualização da memória, assumindo, portanto, um papel de destaque nas relações entre a memória literária, a memória individual e a memória cultural (Nünning, 2016: 235). Assim, a opção por um determinado género influencia não só a forma como a narrativa é apresentada, como também a expectativa do recetor, que vai ao encontro das convenções pré-definidas⁴. A convenção dos géneros demonstra então um processo de memória simultaneamente individual e coletiva, que se assume importante na recepção literária, na medida em que os géneros podem ser entendidos como geradores e transmissores de memória cultural (Nünning, 2016: 236-238).

Falar de *memória na literatura* é necessariamente abordar questões relativas à representação da memória nos textos literários, inserindo-se aqui o conceito de *mimese da memória* inspirado na teoria de Ricoeur que já explicamos anteriormente. Tendo isto em conta, para um estudo deste conceito é preciso, em primeiro lugar, aceitar que “a literatura se refere à realidade cultural extratextual”, para não só a refletir, como também a criar de forma ficcional (Erll; Nünning, 2016: 257).

Finalmente, o terceiro conceito que mencionamos acima, *literatura enquanto meio de memória coletiva*, pressupõe que o investigador se debruce sobre a forma como a literatura desempenha diferentes funções enquanto meio de memória coletiva (cultural), entendendo os textos de diversas perspetivas, como retransmissores de memórias antigas, estabilizadores de versões concorrentes, catalisadores de elementos que se haviam perdido, objetos de rememoração noutros *media*, ou ainda como calibradores do valor estético literário (Rigney, 2016: 166-168),

⁴ Seria impossível dissociar destas ideias a teoria da recepção desenvolvida por Hans Robert Jauss. Leia-se, a título de exemplo: “Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade (...) Um processo correspondente de criação e transformação permanente de um horizonte de expectativa determina também a relação de um texto individual com a série dos textos anteriores que constituem o género.” (Jauss, 1993: 66-67).

relacionando este último aspeto com a importância do estudo do cânone literário (Assmann, 2016a).

2. *Memória da literatura: intertextualidade, verosimilhança e género*

Apresentados em largos traços alguns dos conceitos mais atuais utilizados pelos estudos de memória, é agora momento de não só propor a sua aplicabilidade à literatura cavaleiresca⁵, como também averiguar a sua pertinência para o aprofundamento deste campo de estudos. Para isto, utilizaremos como estudo de caso a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, publicada em Coimbra, em 1567, livro que é uma segunda edição da obra *Triunfos de Sagamor*, hoje perdida, mas que foi editada em 1554 (Vargas Díaz-Toledo, 2012: 23).

Uma das tradicionais características da literatura cavaleiresca de quinhentos é a sua aproximação à historiografia, advindo daí aquilo que foi cunhado como a *pseudo-historicidade* dos livros de cavalarias (Eisenberg, 1982). Esta proximidade manifesta-se através de vários elementos recorrentes, tanto nos livros castelhanos, como na tradição portuguesa, tornando-os em verdadeiros *topoi* deste género literário. Desde elementos paratextuais, como os títulos, muitas vezes começados por “crónica”, até à criação de autores ou tradutores efabulados, passando ainda por justificações fundacionais ou genealógicas, nota-se uma constante preocupação em estabelecer umnexo entre o texto e um determinado momento do passado que funcionaria como âncora para o presente do século XVI. Ao mesmo tempo, procurava-se que tais técnicas conferissem verosimilhança às próprias narrativas, num período em que os escritores de livros de cavalarias se viam envolvidos nas discussões entre poética e história, verdadeiro e falso, realidade e ficção (*cf.* Almeida, 1998: 80-113; Kohut, 2002). Podemos, assim, interpretar estes *topoi* repetidos pelos livros de cavalarias como dispositivos mnemónicos, no sentido em que relacionam uma obra com todos os seus antecedentes, apresentando ao público-leitor uma série de elementos com os quais já estariam familiarizados. Repare-se que o lugar-comum da criação de um autor ficcional que teria encontrado, escrito ou traduzido a narrativa, a partir de um texto original reencontrado, é um lugar-comum presente em toda a literatura cavaleiresca quinhentista, podendo refletir uma realidade herdada da retórica medieval⁶, que concede mais importância à tradição do que à inovação, resultando daí a necessidade da ficcionalização de uma autoridade como meio de justificação da narrativa (Lofmark, 1981: 35-47). Por outro lado, esta criação de uma entidade autoral primitiva

⁵ Ainda que, de uma forma geral, os teóricos dos estudos de memória, que fomos apresentando, se tenham debruçado sobretudo sobre literatura contemporânea, já se encontram algumas análises que aplicam esta base conceptual em análises relativas à literatura medieval. Veja-se Hermann, 2009; Gomes, 2017.

⁶ Com efeito, a ficcionalização de uma entidade autoral não é exclusiva nem uma novidade introduzida pelos livros de cavalarias no século XVI, uma vez que já nas obras do Ciclo Arturiano isso acontece, repetindo-se, depois, no *Amadís de Gaula*, que será o modelo dos textos cavaleirescos posteriores. A ideia de que a ficção da autoria das obras remete para uma tradição medieval não é, contudo, partilhada por toda a crítica, a título de exemplo: “la ficción del original en la primera mitad del siglo XVI no me parece una forma vacía ni fosilizada, recuperada de la tradición y mímesis de ella. Su reiteración en el género, sobre todo, su recreación, parece responder a una cuestión que no tiene que ver con la retórica medieval, sino justamente con esa irruptiva aparición de la subjetividad” (Cirlot, 1993: 370-371). Ver, também, Marín Pina, 1994.

aproxima, uma vez mais, o género cavaleiresco⁷ da tradição historiográfica (Osório, 2001: 24), servindo, portanto, como mais um engenho para conferir verosimilhança ao texto. Ao estudar o *Amadís de Gaula*, James Fogelsquit demonstrou já como funcionam estes mecanismos retóricos típicos das “histórias fingidas”, afirmando que “las referencias al mundo artúrico en el *Amadís* sirven para establecer en la obra lo que se puede llamar la textura historiográfica.” (Fogelquist, 1982: 48). De certo modo, o que veremos, de seguida, em relação ao *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* parece, também, relacionar-se com este aspeto.

Cumpra agora fazer uma pequena *digressio*, tendo em conta o importante conceito de verosímil, que nos parece igualmente fundamental de articular com o que até aqui temos vindo a apresentar. Tzvetan Todorov expõe este conceito da seguinte forma:

fala-se da verosimilhança de uma obra, na medida em que ela tenta fazer-nos crer que se submete ao real e não às suas próprias leis; quer dizer, o verosímil é a máscara com que se dissimulam as leis do texto, e que nos daria a impressão de uma relação com a realidade. (Todorov, 1979: 97-98)

Ora, os livros de cavalarias enquadram-se perfeitamente nesta definição do teórico búlgaro, uma vez que através de várias estratégias retóricas – nomeadamente o tópico do manuscrito encontrado – criam uma sensação de verdade, ancorando-se no passado e na ideia de autoridade que é, contudo, uma imposição genológica apreendida e codificada através de uma série de processos de memória.

Partindo das ideias de Todorov, Jonathan Culler defendeu que a verosimilhança é o ponto principal do conceito de intertextualidade, uma vez que corresponde à ligação de um discurso a vários outros (Culler, 2002: 162-163). Apresentando cinco diferentes níveis de verosimilhança, relacionando-se um desses níveis com a variação do conceito de verosímil, tendo em conta o género literário, concluiu o autor que:

Aristotle himself recognized that each genre designates certain kinds of action as acceptable and excludes others (...) because each genre constitutes a special *vraisemblance* of its own. The function of genre conventions is essentially to establish a contract between writer and reader so as to make certain relevant expectations operative and thus to permit both compliance with and deviation from accepted modes of intelligibility...” (Culler, 2002: 172)

Esta ideia de verosímil fluante de género para género parece-nos igualmente relevante quando analisamos a evolução da literatura cavaleiresca, sobretudo se tivermos em mente as críticas feitas pelos humanistas do século XVI aos livros de cavalarias, particularmente no que ao aspeto ficcional diz respeito. Seguindo a ideia proposta por Culler, concluir-se-ia que a aproximação às narrativas historiográficas, quer em termos formais, quer em termos de conteúdo, poderia ser interpretada como um dos aspetos próprios de verosimilhança que a literatura cavaleiresca foi desenvolvendo.

Atentemos agora na construção destes mecanismos no caso particular do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*. Diz-nos o narrador que o compilador original da obra teria

⁷ Referimo-nos aqui num sentido amplo: por um lado, não pretendendo penetrar em discussões teóricas relacionadas com o conceito de *género*; por outro lado, tendo em conta elementos que são mais ou menos comuns a toda a literatura cavaleiresca do século XVI, não particularizando as diversas linhas evolutivas destas narrativas, tanto em Espanha, como em Portugal.

sido Foroneus, um cronista inglês que havia imitado dois escritores latinos, também eles ficcionados, Sigiberto Gálico e Guilielmo de Nangis, os quais teriam transmitido nos seus escritos a verdade sobre a antiguidade da Ordem da Cavalaria (Vasconcelos, 1567: fls. 2^r-2^v), explicada no início do primeiro capítulo do *Memorial*. O autor Foroneus é introduzido como um argumento de verdade, justificatório do passado e da antiguidade da cavalaria, de que o texto é apologético. O mesmo esquema é seguido mais à frente, no capítulo XVII, quando, narrando a história do sábio Telorique, são apresentadas divergências relativas à denominação do mago, afirmando o narrador que se deve seguir o que diz Foroneus, novamente apresentado como fonte de verdade (Vasconcelos, 1567: fl. 55^r).

O tópico do manuscrito encontrado que justifica determinados passos narrativos, conferindo uma aparente veracidade histórica ao romance, revela-se, portanto, uma característica da literatura cavaleiresca, o que pode ser entendido como resultante de processos de memória, assentes na construção deste género. A repetição deste *topos* reforça as relações intertextuais que se estabelecem entre os livros de cavalarias ibéricos, materializando-se num processo de receção de memória, ao mesmo tempo que são elementos reconhecíveis pelo público a quem estas obras estariam dirigidas, produzindo um pacto de leitura com esses mesmos leitores.

Sendo uma obra tão heterogénea no que diz respeito aos diversos elementos que congrega, o *Memorial* destaca-se por apresentar uma importante ligação com a matéria da Bretanha. No conjunto dos livros de cavalarias portuguesas, a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos é nitidamente a mais devedora dessa tradição, encontrando-se aí processos que vão para além da utilização de esquemas narrativos vindos da tradição arturiana medieval ou da simples alusão a personagens desse universo (Vargas Díaz-Toledo: 2013; Monteiro: 2017). Bastaria atentar no título da obra – *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* – para imediatamente se compreender o diálogo estabelecido com o mundo arturiano. Esta invocação paratextual é depois explorada num plano diegético, na medida em que toda a narrativa cavaleiresca ocorre cronologicamente no imediato após a morte do Rei Artur, apresentando-se as principais personagens desta obra como descendentes diretos dos cavaleiros da Távola Redonda original:

Os cavaleiros da Távola Redonda que ficaram vivos, dos quaes o principal era Doristão D'Autarixa, filho de dom Galvão (...), Fidonflor de Mares duque de Lencastro, filho de Hector de Mares (...). Dous filhos gémeos de dom Galeazo e da duquesa de Narbona, chamado o primeiro Bronsidel de Enantes e o segundo dom Brisam de Lorges (...). Monsolinos de Sulforica filho de Palomades o pagão, que se apelidou também o cavaleiro das duas espadas, porque pelejava com elas segundo se conta na história da Demanda do Sancto Grial. (Vasconcelos, 1567: fl. 8^v)

O *Memorial* desenvolve-se como se se tratasse de uma continuação da matéria arturiana medieval: os primeiros capítulos narram o período final do reinado de Artur, culminando com a batalha letal para esse monarca e Morderet, introduzindo-se aqui a explicação de como se deu a sucessão de Sagramor. A recuperação, de forma direta, de uma matéria difundida por todo o ocidente europeu, de maneira a explicitar a sucessão de Sagramor, parece surgir aqui como mais um mecanismo que confere verosimilhança ao texto. A retoma intertextual destes elementos demonstra como o universo arturiano estava ainda bastante presente na memória cultural do público dos livros de cavalarias da segunda metade do século XVI, o que é atestado através do número de impressões de livros relacionados com estas temáticas, tanto em

Espanha, como em Portugal, durante a primeira metade dessa centúria, como, por exemplo: *Baladro del Sabio Merlin* (Burgos: Juan de Burgos, 1498); *Merlín y Demanda del Santo Grial* ([Sevilha]: s. i., [1500])⁸; *Demanda del Santo Grial* (Toledo: Juan de Villarquirán, 1515); *Cronica llamada el triu[n]pfo de los nueve p[re]ciados de la fama* (Lisboa: Germán Gallarde, 1530); *Baladro del Sabio Merlin e Demanda del Sancto Griaal* (Sevilha: [Juan Varela de Salamanca], 1535). Do mesmo modo, as referências a figuras como Dom Duardos, Primaleão, Tristão de Leonís e Amadís de Gaula (Vasconcelos, 1567: fls. 39^v-40^v) permitem aferir a importância e a posição dos livros de cavalarias castelhanos para o sistema literário do quinhentismo português.

3. *Memória na literatura*

Um dos principais valores que marcou a ética cavaleiresca medieval e renascentista e cuja representação se tornou numa característica central do género cavaleiresco, reside na procura de honra e fama através dos feitos pessoais. Este tema é, contudo, antigo: desde pelo menos a Grécia Antiga que os heróis procuram a glória eterna (Lida de Malkiel, 1983: 13-95). Os livros de cavalarias quinhentistas aproximam-se aqui das ideais de fama plasmadas ao longo das narrativas arturianas medievais (Lida de Malkiel, 1983: 261-269), uma vez que o motivo central dos livros de cavalarias ibéricos é a procura de aventuras, como forma de alcançar a fama e, a partir daí, o amor. Ora, a esta característica liga-se intrinsecamente a memória, na medida em que só através de mecanismos que permitissem a sua transferência, a glória sobreviveria ao tempo. Deste modo, o que os cavaleiros destas narrativas procuravam era que a sua fama fosse tamanha que permanecesse na *memória cultural*, através da escrita, que se revela uma condição determinante de memória. Assim, as insistentes referências aos feitos extraordinários dos melhores cavaleiros, à sua fama e honra, e à imitação que deles devia ser feita levam a que os narradores tenham comentários sobre a importância da escrita como mecanismo de fixação de memória, de maneira a que os bons exemplos pudessem perdurar no tempo, comentários estes que funcionam quase como uma autorreflexão sobre a importância do processo da escrita.

No *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, tal preocupação com este mecanismo de preservação da memória é explícita. Logo, no prólogo, diz-nos Jorge Ferreira de Vasconcelos:

Não cuido, porém, que haja algum tam pertinaz e imigo da rezão, que negue a valia dos feitos heroicos, e o preço dividido à boa memória, a qual sempre fertificou e produzio novos impérios (...). Considerando pois eu no esclarecido príncipe vosso padre, que está em glória, coluna que sustinha as esperanças destes reinos, e nos prometia de si o efeito muito além do cuidado, por quem com muita rezão todos suspiramos. Ca nos fora norte e claro exempro de imitação. (...) Parece-me de obrigação e necessidade trazer à luz o torneio e mostra que dele ficou, pera que como os que o tratamos temos na memória viva a dar de tal perda. Os que o não alcançaram participem desta mágoa, e pera vossa alteza seja o abc, e princípio de suas heroicas obras... (Vasconcelos, 1567: Prólogo)

Esta narrativa aparece dedicada a Dom Sebastião, mas, como já referimos, Ferreira de Vasconcelos escreveu uma primeira edição deste livro hoje desaparecida, dedicada ao pai desse monarca, o Príncipe Dom João, morto em 1554. Através da passagem que transcrevemos, percebe-se o intuito do autor, apresentando o tema principal do romance – o torneio de

⁸ Hoje em dia, não se conhecem exemplares desta edição (Sanz Julián, s. a.).

Xabregas, ocorrido em 1550⁹ – como forma de demonstrar a heroicidade do Príncipe Dom João, investido cavaleiro nesse torneio, como um exemplo de imitação. Ao longo da narrativa, vemos que este tema se vai repetindo diversas vezes: logo nos primeiros capítulos, são várias as referências que o narrador faz à importância da escrita para a fixação da memória, sobretudo para que isso sirva de modelo imitativo. O *Memorial* abre com uma história acerca da antiguidade da ordem da cavalaria, lendo-se que:

Querendo contar as famosas façanhas do militar exercício (...) não alheio da história, antes divido princípio parece ãa breve relação da antiguidade e origem da nobre Ordem da Cavalaria, que além de tal memória a curiosos ser aprazível, é necessário fundamento (...) e perventura estímulo de imitação saber-se como foi instituída... (Vasconcelos, 1567: fl. 1^ª)

Pouco depois, diz-nos o narrador relativamente ao rei Artur:

...foi caso de extremo no em que Artur reinou como a ordem dos andantes (...) se estendeo por todas as regiões favorecida de seus secaces, tal é sempre a diligência humana em admitir novidades, por cuja memória foi necessário ocuparem-se muitos escritores em escreverem seus maravilhosos feitos e proezas, cada um segundo melhor pode alcançar. (Vasconcelos, 1567: fl. 2^ª)

E, ainda no primeiro capítulo, remata:

E assi dezia das próprias que via per sua morte fazer-se um grande epitáfio, entendendo por a sua história que escreveram dize trinta historiadores aos quaes se deve a memória de Alexandre que perecera se lhe faltara escritor. (Vasconcelos, 1567: fls. 2^ª-3^ª)

Se o género cavaleiresco apresenta uma componente didática muito importante, no *Memorial*, esta faceta é ainda mais evidente, não só pelo que o próprio autor afirma no prólogo da obra, em cima transcrito, como também pela forma como são apresentadas máximas de instrução na abertura de todos os capítulos (Moisés, 1957: 44). Neste seguimento e articulado com a questão da tríade fama-memória-escrita, veja-se o início do segundo capítulo do *Memorial*:

Di[g]no é de grande estima o varão que antre os de seu tempo se abalisa em algũa singular virtude e muito mais aqueles que sobindo-se em estado leixam de si gloriosa memória e sam autores de heroicas obras e aprovados exempros pera imitação dos soccessores. (Vasconcelos, 1567: fl. 3^ª)

Parece-nos que este aspeto, que relaciona memória, fama e glória, nos permite refletir acerca do conceito de *mimese da memória*, tal como o apresentamos anteriormente. Partindo novamente da teoria de Ricoeur, estes valores projetados nas narrativas cavaleirescas procedem de um pré-entendimento do mundo que os grupos aristocráticos quinhentistas detinham e que,

⁹ Além da descrição deste torneio inscrita no *Memorial*, são hoje conhecidas outras duas descrições deste evento: uma carta escrita por Francisco de Moraes (Miguel, 1998: 127-154; Aurelio Vargas Díaz-Toledo está a preparar uma nova edição crítica desta carta, juntamente com outros textos de Moraes) e uma narração anónima deste torneio, recentemente descoberta (Moreira, 2017: 117-137).

de certa forma, pretendiam fazer vigorar precisamente através destas narrativas. Através da ficção cavaleiresca revisita-se um passado que é projetado – criado – ficcionalmente, mas que, ao mesmo tempo, dá consistência à realidade presente do leitor do século XVI. A forma como a memória é representada recria a realidade dentro da narrativa, nomeadamente no que ao processo da escrita diz respeito. Se os grandes cavaleiros e reis do *Memorial* (assim como de outros livros de cavalarias, uma vez que este aspeto também pode ser considerado como um *topos* cavaleiresco) pretendem alcançar a glória e fama eternas através dos feitos que serão escritos em livros ou imortalizados em estátuas, também os recetores dos livros de cavalarias pretenderiam, em última instância, que o mesmo acontecesse com os seus percursos pessoais. A glória e a fama eternas alcançar-se-iam através de feitos eternizados. A memória adquire então o seu valor fundamental, uma vez que seria o elo de ligação entre passado, presente e futuro. De certa forma, podemos afirmar que não são os feitos que imortalizam as personagens, mas antes a capacidade de recordação desses feitos, isto é, não só a forma como estes acontecimentos são fixados num determinado presente, como também a forma como os vários futuros se relacionarão com esse acontecimento passado, fixado de maneira codificada que, mais do que uma memória individual, se reconverte num aspeto da memória cultural passada de um grupo.

4. Conclusão: livros de cavalarias como meio de memória cultural

As narrativas cavaleirescas aproximam-se da realidade histórica dos seus recetores contemporâneos do século XVI, ao criarem uma sensação de distanciamento, através da ficção de elementos de uma *memória cultural* passada. Servindo-se de motivos ficcionais, estas narrativas projetam para o passado elementos do seu presente histórico, como forma de justificação, legitimação e cristalização de uma ética-cavaleiresca que, nascida na Idade Média, se mantinha ainda como a conduta idealizada a ser seguida pela aristocracia ibérica de quinhentos¹⁰.

Ao combinarem temas da mitologia greco-latina, do imaginário medieval e da própria cronologia em que são escritos, os livros de cavalarias apresentam-se como narrativas ficcionais, cujas convenções de género se situam num plano intermédio entre a escrita historiográfica e o romance medieval, aos quais se deve acrescentar um carácter declaradamente didático (cf. Marín Pina, 1995: 183-192; Cuesta Torre, 2002: 87-109), voltado para um grupo em específico – a cavalaria aristocrática. Se, por um lado, estas narrativas são produto da *memória cultural* desse mesmo grupo – apresentando uma série de mitos, ideais, valores e visões de acontecimentos do passado – por outro lado, a um nível extratextual, toda esta combinação de motivos torna os livros de cavalarias, meios produtores de *memória cultural*, na medida em que permitem uma reconfiguração das relações dos indivíduos e do grupo com o seu passado coletivo, numa contínua dinâmica de reestruturação e definição de identidade (Paixão, 1997: 1422; Erl; Rigney, 2009: 2; Erl, 2011: 149-150). Este encerramento do círculo de mimésis faz-nos, assim, concluir, que os estudos de memória cultural aplicados à literatura cavaleiresca do século XVI podem colher frutos positivos, ao mesmo tempo que, equacionados de outras formas que aqui abordamos apenas ligeiramente, poderão ajudar a levantar novas questões. Uma dessas brechas que se poderá abrir relaciona-se com o cânone literário de quinhentos, no

¹⁰ Ao estudar o público dos livros de cavalarias, Maxime Chevalier defende que o grupo aristocrático quinhentista se interessou, em massa, pela literatura cavaleiresca, pelo facto de espelhar a sociedade em que viviam, ao mesmo tempo que se revestia de um grande espírito nostálgico face à liberdade cavaleiresca, cada vez mais domada pela monarquia. (Chevalier, 1976: 98-102).

sentido de perceber que obras eram tomadas como canónicas para os escritores de livros de cavalarias e de que forma se relaciona isso com as restantes estéticas do renascimento e maneirismo português.

Enfim, num século como o de quinhentos, em que o fenómeno literário se viu expandido pela imprensa e marcado por diversas tradições, elementos culturais e momentos de tensão entre a liberdade ficcional literária e a rigidez “verdadeira” da história, parece-nos que, aplicar as ferramentas conceptuais dos estudos de memória cultural a uma análise dos livros de cavalarias, permitirá avaliar, de forma diferente, a posição dos livros de cavalarias dentro do próprio sistema literário do século XVI.

BIBLIOGRAFIA:

Textos primários:

VASCONCELOS, Jorge Ferreira de (1567). *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*. Coimbra: João de Barreira. Exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa, cota res-480-p.

Estudos críticos:

ALMEIDA, Isabel (1998). *Livros Portugueses de Cavalarias: do Renascimento ao Maneirismo* (Tese de Doutoramento). Lisboa: Universidade de Lisboa.

ASSMANN, Aleida (2016a). Cânone e arquivo. In Fernanda MOTA ALVES et al. (org.), *Estudos de Memória. Teoria e análise cultural* (pp. 75-86). Famalicão: Edições Húmus.

ASSMANN, Aleida (2016b). Espaços de recordação. Formas e mutações da memória cultural. In Fernanda MOTA ALVES et al. (org.), *Estudos de Memória. Teoria e análise cultural* (pp. 129-160). Famalicão: Edições Húmus.

ASSMANN, Jan (1995). Collective Memory and Cultural Identity. *New German Critique*, 65, 125-133.

ASSMANN, Jan (2010). Communicative and Cultural Memory. In Ansgar NÜNNING & Astrid ERLI (eds.), *A Companion to Cultural and Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook* (pp. 109-118). Berlin/New York: De Gruyter.

CIRLOT, Victoria (1993). La ficción del original en los libros de caballerías. In Aires NASCIMENTO & Cristina RIBEIRO (org.), *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Vol. IV. (pp. 367-373). Lisboa: Edições Cosmos.

CHEVALIER, Maxime (1976). *Lectura y lectores en la España del siglo XVI y XVII*. Madrid: Ediciones Turner.

CONNERTON, Paul (1989). *How Societies Remember*. Cambridge: Cambridge University Press.

CUESTA TORRE, M^a Luzdivina (2002). La realidad histórica en la ficción de los libros de caballerías. In Eva CARRO CARBAJAL et al. (org.), *Libros de Caballerías (De «Amadis» al «Quijote»)*. Poética, lectura, representación e identidad (pp. 87-109). Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas.

CULLER, Jonathan (2002). *Structuralist Poetics*. London/New York: Routledge.

EISENBERG, Daniel (1982). *Romances of Chivalry in the Spanish Golden Age*. Newark, Delaware: Juan de la Cuesta.

ERLI, Astrid & NÜNNING, Ansgar (2016). Conceitos e métodos para o estudo da literatura e/enquanto memória cultural. In Fernanda MOTA ALVES et al. (org.), *Estudos de Memória. Teoria e análise cultural* (pp. 245-266). Famalicão: Edições Húmus.

ERLL, Astrid & RIGNEY, Ann (2009). Introduction: Cultural Memory and Its Dynamics. In Astrid ERLL & Ann RIGNEY (eds.), *Mediation, Remediation and the Dynamics of Cultural Memory* (pp. 1-11). Berlin/New York: Walter de Gruyter.

ERLL, Astrid (2011). *Memory in Culture*. Basingtoke: Palgrave Macmillan.

FOGELQUIST, James Donald (1982). *El Amadís y el género de la historia fingida*. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas.

GOMES, Mafalda Sofia (2017). Memória e narrativa: considerações sobre Parzival. In Filipe MARTINS (org.), *Trajetos da Narratividade: Ensaios sobre narrativa, média e cognição* (pp. 147-158). Porto: Universidade do Porto.

HALBWACHS, Maurice (1992). *On Collective Memory*. Chicago/London: The University of Chicago Press.

HERMANN, Pernille (2009). Concepts of Memory and Approaches to the Past in Medieval Icelandic Literature. *Scandinavian Studies*, 3, 287-308.

JAUSS, Hans Robert (1993). *A literatura como provocação*. Lisboa: Vega.

KOHUT, Karl (2002). Teoría literaria humanística y libros de caballerías. In Eva CARRO CARBAJAL et al. (org.), *Libros de Caballerías (De «Amadís» al «Quijote»)*. Poética, lectura, representación e identidad (pp. 173-185). Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas.

LIDA DE MALKIEL, María Rosa (1983). *La idea de la fama en la Edad Media Castellana*. Madrid: Ediciones FCE.

LOFMARK, Carl (1981). *The Authority of the Source in the Middle High German Narrative Poetry*. Londres: Institute of Germanic Studies University of London.

MARÍN PINA, M^a Carmen (1994). El tópico de la falsa traducción en los libros de caballerías españoles. In María Isabel TORO PASCUA (ed.), *Actas del III Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Tomo I. (pp. 541-548). Salamanca: Biblioteca Española del Siglo XV, Departamento de Literatura Española e Hispanoamericana.

MARÍN PINA, M^a Carmen (1995). La historia y los primeros libros de caballerías españoles. In Juan PAREDES (ed.), *Medioevo y Literatura. Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Vol. III. (pp. 183-192). Granada: Universidad de Granada.

MIGUEL, António Dias (1998). Carta que Francisco de Moraes enviou à Raynha de França em que lhe escreve os torneos, e festas que se fes em Xabregas era de 155... In *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*. Vol. XXXVII. (pp. 127-154). Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

MOISÉS, Massaud (1957). *A Novela de Cavalaria no Quinhentismo Português – O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda de Jorge Ferreira de Vasconcelos*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

MONTALVO, Garci Rodríguez de (1996). *Amadís de Gaula*. Ed. e estudo de Juan Manuel CANCHO BLECUA. Madrid: Catedra.

MONTEIRO, Pedro (2017). Sobre as fontes arturianas do Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda. *Guarecer. Revista Eletrónica de Estudos Medievais*, 2, 79-93.

MOREIRA, Filipe Alves (2017). Uma descrição inédita do Torneio de Xabregas (1550). *Mátria Digital*, 5, 117-137.

NEUMANN, Birgit (2016). A representação literária da memória. In Fernanda MOTA ALVES et al. (org.), *Estudos de Memória. Teoria e análise cultural* (pp. 267-278). Famalicão: Edições Húmus.

NORA, Pierre (1993). Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, 7-28.

NÜNNING, Ansgar (2016). A «verdade da memória» e o «frágil poder da memória». In Fernanda MOTA ALVES et al. (org.), *Estudos de Memória. Teoria e análise cultural* (pp. 219-244). Famalicão: Edições Húmus.

OSÓRIO, Jorge (2001). Um «género» menosprezado: a narrativa de cavalaria do séc. XVI. *Máthesis*, 10, 9-34.

PAIXÃO, Rosário (1997). Ficção e realidade nos prólogos dos primeiros livros de cavalarias peninsulares. In José Manuel LUCÍA MEGÍAS (ed.), *Actas del VI Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Vol. II. (pp. 1419-1425). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.

PEREIRA, Cláudia (2000). *Um exemplário amoroso para D. Sebastião, o Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda de Jorge Ferreira de Vasconcelos* (Tese de Doutoramento). Évora: Universidade de Évora.

RICOEUR, Paul (1994). *Tempo e narrativa*. Tomo I. Campinas: Papirus.

RIGNEY, Ann (2016). A dinâmica da recordação: os textos entre monumentalidade e morphing. In Fernanda MOTA ALVES et al. (org.), *Estudos de Memória. Teoria e análise cultural* (pp. 161-170). Famalicão: Edições Húmus.

SANZ JULIÁN, María (s. a.). Baladro del Sabio Merlín. In *COMEDIC: Catálogo de obras medievales impresas en castellano hasta 1600*. Disponível em: <http://grupoclarisel.unizar.es/comedic/> [consultado em: 20.03.2019].

TODOROV, Tzvetan (1979). *Poética da Prosa*. Trad. Maria de SANTA CRUZ. Lisboa: Edições 70.

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2012). *Os Livros de Cavalarias Portugueses dos Séculos XVI-XVIII*. Lisboa: Pearlbook.

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2013). A Matéria Arturiana na literatura cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVII. *e-Spania*, 16. Disponível em: <https://journals.openedition.org/e-spania/22796> [consultado em 27.08.2019].

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2017). *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII*. Disponível em: <http://www.universodealmourol.com> [consultado em: 27.08.2019].

